

TRADIÇÃO DISCURSIVA E MUDANÇA NO SISTEMA DE TRATAMENTO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: DEFININDO PERFIS COMPORTAMENTAIS NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Célia Regina dos Santos LOPES*

- **RESUMO:** Propõe-se, neste estudo, delimitar os sistemas de tratamento vigentes no início do século XX em documentação produzida por brasileiros. A amostra utilizada para análise é constituída por cartas pessoais escritas entre 1906 e 1937. Na descrição e explicação do fenômeno, adotam-se alguns pressupostos da Teoria da Variação e do modelo das Tradições Discursivas. Os resultados encontrados indicaram quatro padrões comportamentais: (I) uso exclusivo do **tu-intimo** em cartas de maior intimidade; (II) emprego categórico de **você** em cartas de mesma natureza; (III) predomínio de **tu-intimo** ao lado de formas do paradigma de **você**, como o imperativo-subjuntivo, em uma seção específica da carta; e (IV) variação entre **tu** e **você** nos mesmos contextos funcionais com uma distribuição morfossintática diferenciada: formas do paradigma de **tu** predominam em contextos [+morfologizados] como o afixo verbal de segunda pessoa e o clítico acusativo/dativo **te**, ao passo que o paradigma de **você** prevalece em contextos [-morfologizados], como o pronome forte (nominativo ou complemento preposicionado).
- **PALAVRAS-CHAVE:** Pronomes de tratamento. Variação tu/você. Mudança linguística. Mescla de formas de tratamento.

Introdução

O objetivo deste trabalho¹ é estipular os sistemas de tratamento pronominal recorrentes no português brasileiro (doravante PB) no início do século XX. Parte-se de um conjunto de cartas pessoais trocadas entre casais no período de 1906-1937. Para a descrição desse material documental, propõe-se aliar a perspectiva teórico-metodológica da teoria de mudança de base laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1994) ao modelo das Tradições Discursivas (KABATEK, 2001, 2006; OESTERREICHER, 1997, 2006; KOCH, 1997). Busca-se, assim, observar que formas tratamentais eram motivadas pelas tradições do texto e quais poderiam ser consideradas como indícios da norma linguística da época em questão.

* UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras – Departamento de Letras Vernáculas. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 21.941-590 – celiar.s.lopes@gmail.com. CNPq/FAPERJ.

¹ Este estudo foi desenvolvido durante um estágio de pós-doutoramento realizado na *Universität Tübingen*, Alemanha, no período de março a agosto de 2010. O estágio foi supervisionado pelo Professor Catedrático Johannes Kabatek e foi financiado pela CAPES, processo BEX 3606/09-0, Estágio Sênior 01/04 – 2010.

O foco do estudo é delimitar como se configurava a disputa entre **você** e **tu** na documentação remanescente do período, procurando vestígios dos três subsistemas de tratamento pronominal vigentes no Brasil na posição de sujeito: 1) **tu**; 2) **você**; e 3) **você~tu**). Trabalhos anteriores, feitos com base em peças teatrais dos séculos XVIII e XIX, mostraram que o emprego de **tu** se apresentava mais frequente que **você** nas relações simétricas e de maior intimidade, principalmente, nas “classes populares”. O tratamento **Você** era menos frequente que **tu**, entre iguais populares, e mais produtivo que o antigo pronome de segunda pessoa nas relações assimétricas descendentes. As duas formas começam timidamente a ocorrer nos mesmos contextos discursivo-funcionais no início do XX.

Em termos estruturais, a hipótese norteadora é a de que a implementação da nova forma gramaticalizada **você** ocorreu em alguns contextos morfossintáticos mais do que em outros, criando-se um paradigma pronominal supletivo com formas de **tu** associadas ao paradigma de **você**. Os resultados parciais obtidos a partir de documentação produzida no Rio de Janeiro indicaram que os ambientes morfossintáticos que favoreciam o uso de **você**, generalizados hoje no PB, já apareciam delineados nos séculos XIX-XX. **Você** se instaurou no quadro de pronomes como pronome sujeito preenchido e complemento regido por preposição. As formas relacionadas a **tu**, contudo, não se perderam. O paradigma pronominal de 2ª pessoa manteve o **te** complemento direto (acusativo “**você** sabe que **te** amo” e dativo “**você** viu que **te** enviei algo”) ao lado de formas alternantes relacionadas a **você** (**lhe** e **a você**) que já eram pouquíssimo frequentes no século XIX. Isso ocorreu e continua ocorrendo tanto nos subsistemas tratamentais em que o **Tu** prevalece quanto naqueles em que predomina o emprego de **Você** como sujeito.

Tendo em vista esse quadro, defende-se que a “uniformidade tratamental” preconizada pelas gramáticas tradicionais é completamente artificial no português brasileiro. Considerando que a combinação de **você** com formas relacionadas a **tu** é bastante recorrente no PB desde o século XIX (**você**₁ disse que **te**₁ vi com **teu**₁ amigo), pretende-se apresentar uma análise da variação entre **tu** e **você** nos seus diferentes contextos morfossintáticos de ocorrência, a fim de mapear quais eram os padrões de comportamento tratamental identificados nessas cartas produzidas no alvorecer do século XX.

A proposta do trabalho procura trazer à discussão ainda a pertinência do conceito das Tradições Discursivas para a explicação das mudanças ocorridas no sistema de tratamento pronominal do português brasileiro. Propõe-se mostrar como uma metodologia para a apreensão das TD, desenvolvida inicialmente para análise dos jutores de um texto (KABATEK, 2006), pode ser aplicada a outros fenômenos linguísticos, em particular, às formas de tratamento de segunda pessoa. A análise experimental feita neste estudo baseia-se em um *corpus* de

cartas escritas por três casais: os dois primeiros são de gerações distintas, mas com grande domínio dos modelos de escrita da época e o terceiro tem cultura escrita mediana. A aplicação dessa metodologia tem como principal objetivo visualizar a distribuição dos dados em cada documento gerando um diagrama completo do texto. Para tanto utiliza-se o programa computacional TraDisc (MALISI, 2006) desenvolvido para auxiliar a análise das Tradições Discursivas. Neste estudo, em particular, quer-se estipular as normas de uso vigentes no período.

A estruturação do trabalho está assim organizada. Em primeiro lugar, dá-se uma breve notícia sobre o estado da questão. Na sequência, apresentam-se as linhas teóricas norteadoras do trabalho, com ênfase nos pressupostos variacionistas e no paradigma das Tradições Discursivas. Ainda nessa seção, propõe-se a discussão das vantagens e desvantagens da análise do gênero carta para o estudo do tratamento pronominal e descreve-se a constituição do *corpus*, para, por fim, delimitar o objeto de estudo. Na seção seguinte, são apresentados os resultados quantitativos da análise variacionista que servirão de base para configurar o perfil comportamental da documentação discutida na seção seguinte. Por fim, descreve-se brevemente a proposta metodológica e os critérios adotados para aplicação do modelo das tradições discursivas a partir de um aparato computacional desenvolvido com esse fim. Nas considerações finais, apresenta-se a síntese dos padrões estabelecidos.

O sistema de tratamento pronominal depreendido no gênero carta: problematizando a questão

Os reflexos estruturais e sociais da inserção **você** no quadro de pronomes do português têm sido objeto de estudo de diversos estudos de caráter diacrônico (LOPES; DUARTE, 2003; RUMEU, 2008; LOPES, 2006; MARCOTULIO, 2008). Análises parciais com base em *corpora* distintos têm demonstrado que a partir do século XVIII a forma vulgar **você** torna-se produtiva nas relações assimétricas de superior para inferior, podendo assumir inclusive, em algumas situações sociopragmáticas, “conteúdo negativo intrínseco”, em oposição à sua contraparte desenvolvida **Vossa Mercê**, ainda presente nas relações assimétricas ascendentes (inferior-superior). No Brasil do século XIX, a concorrência passa a ser maior entre **tu** e **você** em relações solidárias mais íntimas e de confiança.

Os estudos mais recentes, com base em diferentes conjuntos de cartas (SOTO, 2001, 2007; LOPES; MACHADO, 2005; RUMEU, 2008), evidenciam que o tratamento **você** no século XIX apresentava um comportamento instável, pois aparecia tanto como uma estratégia de prestígio usada pela elite brasileira da época, quanto como um tratamento generalizado na fala doméstica ao lado de **tu**.

Nas missivas de fins do XIX, o inovador **você** transitava por espaços discursivo-pragmáticos distintos e típicos de formas híbridas em processo de mudança. Era um tratamento veiculado pela elite brasileira com algum traço de cerimônia que também circulava como variante pronominal de **tu** íntimo. Ao mesmo tempo que **você** aparecia, por exemplo, nas trocadas entre o Imperador D. Pedro II e a Condessa Barral, como mostra o estudo de Soto (2001; 2007), estava presente nas cartas íntimas da avó Bárbara se referindo aos netos, à filha e à criada. Por um lado, nas cartas do Imperador D. Pedro II, o emprego de “você” (grafado V.) poderia ainda estar correlacionado à semântica do poder (relações assimétricas). Nas cartas da avó Bárbara, uma interpretação precipitada poderia nos levar às mesmas conclusões (relação assimétrica de superior para inferior). Há, contudo, um aspecto ímpar nesse material: o estilo da escrita da remetente é predominantemente oral, quase a reprodução de fala espontânea. O exemplo (i) ilustra a espontaneidade oralizada de Bárbara: não há nenhum sinal de pontuação para recuperar a estrutura do discurso direto e emprega-se o pronome “ela” como sujeito numa estrutura com verbo causativo “mandasse ela fazer”. Em (ii) nota-se o uso de **você** e **tu** como formas variantes em uma mesma carta:

(i) “Tenho uma criada que dice que sabia fazer tudo que eu mandace ella fazer: emtaõ perguntei e Paõ doce **você** sabe fazer sei emtaõ mando todos os sábados fazer” (Carta 30, Bárbara Ottoni ao neto) (LOPES; MACHADO, 2005, p.215, grifo nosso).

(ii) “Estimei muito as boas noticias que tive que **voce** está muito estudiozo e que **Ø** está muito adiantado. Continue para nos dar muito gostos e a sua Mae aquem **Ø** abraçarás por mim!” (Carta 41, Bárbara Ottoni ao neto) (LOPES; MACHADO, 2005, p.251, grifo nosso).

Em outros estudos referentes aos séculos XIX e XX no PB escrito, os resultados são bastante semelhantes aos observados nas cartas de Bárbara aos netos. Nota-se a coexistência de **tu** ao lado de **você** em uma mesma carta, seja na posição de sujeito, seja na combinação de **você** com **te**. Tal comportamento, rotulado como “mistura de tratamento” pela tradição gramatical, constitui um reflexo da reorganização do sistema pronominal do PB a partir da inserção da forma inovadora **você** (BRITO, 2001; LOPES; MACHADO, 2005; SOTO, 2001, grifo nosso). Em termos estritamente morfossintáticos, tem-se observado também que a inserção de **você** no sistema pronominal não se deu da mesma maneira em todos os contextos. Constituem-se como ambientes implementadores de **você**: pronome-sujeito, pronome complemento preposicionado e formas verbais imperativas, ao passo que os possessivos, formas verbais não-imperativas e pronomes complemento não preposicionados apresentam-se como contextos em que paradigma de **tu** se mantém (LOPES, 2008, 2009, grifo nosso).

Embora se tenha avançado bastante nessas generalizações descritivas diacrônicas, há outros aspectos sobre a tradição textual a considerar. Em um estudo feito com base nas cartas da família de Cupertino produzidas entre 1870 e 1890 no Rio de Janeiro, Lopes (2009) verificou que dos raros dados de **você** localizados nas missivas repletas de **tu** como sujeito nulo, a maior parte estava presente em fórmulas fixas para captação de benevolência² típicas do modelo de escrita do gênero carta (“Desejo que.../Estimara que...eu vou passando bem/continuando a passar bem”), como se vê de (iii) a (vi):

(iii) “Desejo que **você** esteja bôa. Eu vou passando bem, pouco aborrecido por estar só aqui...” (15/03/1879, Antonio a Elisa).³

(iv) “Estimara que **você** e todos os nossos queridos filhinhos tenham passado bem”. (12/02/1886, Antonio a Elisa).

(v) “Estimarei que **você** e todos os meus também continuando a passar bem, conforme me disse em uma carta de antes hontem” (20/02/1886, Antonio a Elisa).

(vi) “Desejo que **você** e Marieta estejam bôas. Eu vou sem novidade, mas com muitas saudades de vocês”. (01/04, Antonio a Elisa).

Nesse sentido, um dos problemas identificados nessas investigações, com base no gênero carta, tem sido definir se o emprego de **você** (advindo do tratamento abstrato **Vossa Mercê**) e de outras formas de tratamento pronominal constitui uma mera marca da tradição do gênero epistolar ou sinaliza uma etapa do processo de mudança no sistema de tratamento do português. A natureza do corpus utilizado nas análises de sincronias pretéritas pode influenciar sobremaneira nos resultados obtidos. Assim, defende-se que o modelo de Tradição Discursiva pode ser elucidador para minimizar os problemas impostos pelas fontes de sincronias pretéritas que nos chegaram às mãos.

Pressupostos teórico-metodológicos: princípios básicos variacionistas

É basicamente a partir dos estudos sociolinguísticos instaurados por Labov (1994) que se procura superar a perspectiva, até então reinante, de que o sistema é o domínio da invariância. Defende-se, pois, que a variação é inerente às línguas e que ela, na verdade, não é aleatória, mas sistemática e predizível tanto estrutural

² Trata-se de uma seção relativamente fixa no gênero carta que ocorre no início da correspondência e serve para estabelecer o contato inicial entre remetente e destinatário antes mesmo de introduzir o assunto principal da carta.

³ Todos os exemplos foram retirados do Corpus compartilhado diacrônico: cartas pessoais brasileiras. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2010).

quanto socialmente. Dessa forma, há de se considerar, na análise linguística, a inter-relação de fatores internos e externos ao sistema.

Existem diversas dificuldades em se fazer um trabalho através de um longo período de tempo, principalmente no que se refere à interpretação dos dados históricos e à própria qualidade do *corpus*. Além de não haver registros de fala, só sendo possível analisar textos escritos, “[...] os documentos representam o vernáculo dos seus escritores, refletindo uma variante padrão que não corresponde a um falante nativo” (LABOV, 1994, p.11). O autor considera ingênua a tentativa de alguns pesquisadores de localizarem textos que “tenham maior probabilidade de aproximação com a língua falada”, como cartas, peças teatrais e textos literários. Uma perspectiva sociolinguística exigiria informações precisas sobre a posição social dos escritores e sobre a estrutura social da comunidade e por essas e outras razões os documentos escritos seriam limitados para o estudo da mudança linguística.

Entretanto, mesmo consciente dessas limitações, mudanças sistêmicas, como a que ocorreu no nosso sistema pronominal, levam séculos para serem concluídas e necessitam de observações mais amplas de cada momento histórico a fim de que se tenha certeza do valor significativo de cada fase histórica e de seu alcance. Torna-se imprescindível, portanto, determinar se houve realmente mudança no tempo, ou se a “mudança postulada” não é resultado de simples flutuação de comportamento. Nesse sentido, opta-se pela análise de um material rigorosamente controlado em termos do perfil sociolinguístico do remetente-destinatário como é o caso das cartas pessoais que compõem nosso *corpus*.

O paradigma das Tradições Discursivas

O conceito de Tradições Discursivas (TDs), introduzido nos estudos românicos pela linguística alemã, reacendeu nos estudos diacrônicos empíricos uma antiga preocupação dos sociolinguistas, que é a questão do controle rigoroso da amostra representativa da comunidade a ser estudada.

Como afirma Kabatek (2001, p.6), aqueles que se interessam pela questão da mudança diacrônica dos sistemas linguísticos sempre se deparam com o fato de certas propriedades propriamente textuais “perturbarem a verdadeira diacronia” da língua ou, dito de outra forma, para o estudo da mudança linguística deve-se levar em conta a história dos textos que constituem o acervo discursivo de uma língua em cada momento de sua formação histórica.

Essa correlação entre a história dos textos e a história das línguas tem como base teórica a perspectiva inicialmente discutida por Coseriu (1981, p.272s) e, reinterpretada por Koch (1997) e Schlieben-Lange (1993) entre outros,

sobre os três níveis do saber linguístico: o plano universal, o plano histórico e o plano individual. O nível universal refere-se ao falar em geral como uma prática universalizada não determinada historicamente (capacidade humana de se comunicar por meio de signos linguísticos independentemente da língua que falam). O nível histórico corresponde a uma língua particular, inserida em uma tradição histórica, vista como sistemas de significação historicamente determinados, submetidos a constantes atualizações que se dão por meio do nível individual. Este último diz respeito ao ato de fala do indivíduo que utiliza uma língua particular numa situação de comunicação ou circunstância específica, o discurso.

Obviamente os atos linguísticos, na situação concreta de uso, pressupõem o emprego concomitante dos três níveis da língua, uma vez que “[...] não se pode falar ‘universalmente’ sem falar uma língua e sem produzir textos, e não se pode falar uma língua como sistema de signos sem que seja mediante textos” (KABATEK, 2006, p.2). Adotando tal perspectiva, teóricos mais recentes, a partir de Koch (1997) e Oesterreicher (1997), subdividiram o nível histórico em dois subníveis: o das línguas históricas em particular (alemão, inglês, espanhol, português etc.) e o das tradições dos textos (ou tradições discursivas).

A partir dessa subdivisão, discute-se a independência entre a história dos textos e a história das línguas particulares. A atividade do falar, o plano individual, submete-se, seguindo tal perspectiva, a esses dois filtros concomitantes (língua histórica e tradições discursivas). O indivíduo produz um texto seguindo à tradição histórica da língua e o cria de acordo com uma determinada TD. Entende-se, desse modo, que a historicidade particular das línguas coaduna-se à historicidade do homem como ser social, e a “história dos textos” engloba todas as formas e fórmulas comunicativas que são recorrentes, tradicionais e cujas fronteiras estão além das estabelecidas para as línguas históricas. Essas formas ou fórmulas comunicativas recorrentes são as Tradições discursivas.

Os traços fundamentais para o estabelecimento de uma TD como material composicional de um gênero textual são: a repetição e a evocação. Um exemplo ilustrativo do objeto de estudo em questão seria o emprego no português brasileiro do tratamento **senhor/senhora** para uma pessoa mais velha e desconhecida com quem não se tem nenhum tipo de intimidade. Mesmo que não exista nenhum impedimento gramatical para que se utilize uma estratégia como **você/tu**, nossa tradição sociocultural recomenda que não se empreguem tais formas. Na perspectiva adotada aqui, uma estratégia de tratamento como **o senhor/ a senhora** é evocada por uma situação concreta que se repete (uma forma de se dirigir a uma pessoa mais velha em um contexto [-íntimo]): a situação evoca outros encontros semelhantes em que se pronuncia a mesma estratégia.

Procura-se evidenciar, com tal perspectiva teórica, que o emprego das estratégias de tratamento não está condicionado simplesmente à presença ou ausência de relações de poder (BROWN; GILMAN, 1960), ou ao grau de proximidade/distância comunicativa nas relações interlocutivas. Esses usos se adaptam às diversas tradições textuais, consolidadas no âmbito da cultura. Isso significa que, para se empregar um determinado tratamento de segunda pessoa, torna-se imprescindível não só vivenciar novamente uma determinada situação (evocação), mas sobretudo repetir a forma ou expressão linguística evocada pela situação comunicativa (repetição), conforme Kabatek (2006).

Nesse sentido, uma análise criteriosa das estratégias de tratamento ao interlocutor demanda um exame apurado das situações comunicativas em que estas se fazem presentes, na medida em que essas situações também influenciam no emprego de uma ou outra estratégia. Para identificar as variações de uso das estratégias de tratamento, ponto central para análise das mudanças no sistema pronominal, não basta realizar um levantamento quantitativo em termos de regras variáveis a fim de descrever que forma é frequente em que período numa amostra específica. Tal perspectiva metodológica, se não for associada a outros instrumentais de análise, indicaria um resultado não necessariamente válido, mas poderia evidenciar apenas que determinada estratégia é produtiva pelo fato de fazer parte de uma TD ou mais TDs predominante(s) em determinados textos e não porque seu emprego seja de fato o mais abrangente. Um dos principais aspectos a serem examinados é se houve uma expansão ou redução dos contextos comunicativos em que um tratamento específico é evocado.

A escolha do gênero carta como material de análise

A carta, por conta do seu tema íntimo ou espontâneo, pode facilitar na identificação de fatos linguísticos em processos de mudança. Se, por um lado, a carta transmite a inovação e mudança linguísticas, por outro, conserva fórmulas fixas em que se perpetuam “tipos estáveis de enunciados”, caracterizando-a como gênero discursivo (SOTO, 2001).

Apesar de apresentar algumas variações em sua estrutura composicional ao longo do tempo, as cartas se caracterizam por alguns traços prototípicos que podem interferir, sobremaneira, na análise de fenômenos linguísticos quando se parte desse gênero como fonte para o estudo da mudança linguística. Em termos da estrutura textual, o gênero epistolar, no geral, apresenta uma macroestrutura constituída pelas seguintes partes: a seção de contato inicial (em que costuma figurar a saudação e captação da benevolência), o núcleo da carta (o corpo do texto, a razão pela qual a carta está sendo escrita,

predominando um pedido de algo concreto, notícias ou uma ordem a ser cumprida, etc) e a seção de despedida. No exemplo a seguir, reproduz-se parte de uma carta de 1936 enviada por Jaime a sua noiva,⁴ identificando seus elementos constitutivos principais:

“Rio de Janeiro 24 de Setembro de 1936	→ (Local e data)
Minha amada Mariquinhas	→ (Saudação)
Que esta te vá encontrar boa de saúde assim como aos teus, espero que já estejas boa de domingo	[Contato inicial] → (Captação da benevolência)
Eu minha querida cada vez ando mais inconsolável do que nunca, tua ausência é terrível, preferia ser condenado aos serviços mais rudes que existe a estar longe de ti, longe de ti minha bela, tudo é diferente para mim; mundo parece-me que vai acabar a saudade atormenta-me a todo momento pareço ouvir-te falar, ou então ouvir-te chamar pelo meu nome, pareço vê-la, mas tudo isso não passa de uma ilusão, porque estas tão longe, e só tenho comigo dentro do peito o teu pobre coração (...)	→ [Núcleo da carta]
Lembranças aos teus, beijos para Hilda, e para você minha querida quantos beijos, quantos tu desejar.	→ [Seção de Despedida]
Jayme O. Saraiva”	→ [Assinatura]

Esta carta-modelo apresenta apenas um perfil geral da estrutura da amostra. Obviamente que há variações desses elementos e até ausência de algumas partes.

Na “seção de contato inicial” constam elementos importantes para caracterização do documento em termos da sua identificação (local e data) e da relação existente entre o remetente-destinatário pelo emprego de um vocativo (“Minha querida Mariquinhas”). Na saudação já há indícios do tipo de relação que o remetente pretende estabelecer com o seu destinatário a partir do emprego de algum elemento de qualificação (amada, querida, amigo, pai, mãe, etc), definindo de antemão o nível da interação estabelecida [+ solidária, + íntima, - formal, - distante, + simétrica] (BRAVO; BRIZ, 2004, p.80).

Embora não tão fixa como data e a saudação, a “captação da benevolência” costuma aparecer nessa seção e serve, como o próprio nome diz, para captar a

⁴ Extraído do *Corpus* Compartilhado diacrônico, disponível em Corpus... (ano?).

boa vontade do destinatário com o teor da carta e garantir que o contato seja mantido com eficácia em futuras trocas de correspondência. Interessante observar que há variadas estratégias linguísticas utilizadas nessa parte que podem servir, até mesmo, para distinguir uma carta particular de uma oficial por exemplo. No caso das cartas mais pessoais, observa-se que o remetente costuma repetir a mesma estratégia com poucas variações entre uma carta e outra. No exemplo, em questão, Jayme optou por escrever (“Que esta te vá encontrar boa de saúde assim como aos teus, espero que já estejas boa”). Também é frequente o emprego de expressões formulaicas que se repetem em várias de suas cartas como: “espero que esta te encontre com saúde...; desejo que você esteja boa junto dos seus”, etc.). É preciso levar em conta que a alta frequência de um dado linguístico em análise presente nesses trechos fixos precisa ser observada com maior apuro para não se caracterizar como uso de época uma estrutura típica da tradição discursiva do gênero.

O “núcleo da carta” é uma parte mais flexível em termos estruturais e temáticos. É nele que se tem o corpo do texto, a razão pela qual se está escrevendo a carta. As partes finais, seção de despedida e assinatura, são mais fixas e podem conter também trechos de “captação da benevolência”.

Em síntese, nessas partes constitutivas,⁵ principalmente na “seção de contato inicial/saudação”, houve desde a origem do gênero grande preocupação de conferir respeito aos papéis sociais e às posições de emissor e receptor, construindo laços de boa vontade com o receptor e estimulando sua cooperação (BAZERMAN, 2005, p.9).

Koch (2008) mostra que a disseminação do emprego do tratamento nominal abstrato de acordo com o estado social dos interlocutores (formas nominais de tratamento, como **Vossa Majestade**, **Vossa Mercê**, entre outras) e a pluralização do tratamento do tipo **V(ós)** se deu pelo fato de essas estratégias funcionarem para atenuar o ato linguístico diretivo das petição/solicitações ou ordens sempre presentes nas cartas. Para o autor, esses tratamentos abstratos se transplatarem de uma língua a outra quando se mantinha a mesma tradição discursiva como regras discursivas e não necessariamente regras idiomáticas, ou seja, funcionariam mais como marcas da tradição desses textos, da história do gênero epistolar do que da história de uma língua X ou Y.

⁵ As partes constitutivas do gênero epistolar apresentam variações de nomenclatura em função do tempo, dos autores e dos inúmeros manuais que ganharam força no Ocidente a partir da *ars dictaminis* (disciplina retórica centrada na redação de cartas e documentos). Há diversos tratados da história da epistolografia (o tratado de Anônimo de Bolonha, de 1135; o de Erasmo de Rotterdam, de 1520, e o de Justo Lípsio, escrito em 1590). Os tratados epistolares se multiplicaram nos séculos XVI e XVII. Para maiores detalhes ver as obras citadas em Koch (2008), Simões (2007), Marcotulio (2008) entre outros estudos que fazem menção à história do gênero.

Breve descrição do *corpus* de análise

A amostra⁶ é constituída por cartas escritas por casais no início do século XX. O primeiro conjunto delas é composto por cartas da família Affonso Penna⁷ escritas entre 1901 e 1910, e o segundo conjunto pertence a um casal de noivos (1936-1937).

Na produção da família Penna, têm-se cartas trocadas entre o patriarca da família, Affonso Augusto Moreira Penna (30/11/1847-14/6/1909), e sua esposa, Maria Guilhermina de O. Penna (21/06/1857-14/07/1929). Trata-se de uma família oriunda de Minas Gerais que se estabeleceu na capital do país (Rio de Janeiro). Foram analisadas 26 cartas do marido escritas quando estava de viagem pelo Brasil como Presidente da República e 20 cartas que são respostas da esposa. Há ainda as cartas trocadas entre o filho do Presidente, Affonso Penna Junior (25/12/1879-12/04/1968), e sua esposa, Marieta Penna (21/12/1883-?). Apesar de pertencerem à mesma família, os dois casais são de gerações distintas: a primeira mais velha que segunda. O patriarca A. Penna tinha 59 anos quando se correspondia com sua esposa de 49 anos. O seu filho Penna Jr e esposa estavam na faixa dos 30 anos aproximadamente.

Sobre o conjunto de 39 cartas do final dos anos 30, não se têm ainda muitas informações, porque o material não foi localizado em acervos institucionais. É um material⁸ ímpar, pois reúne cartas particulares de um casal de namorados residentes no Rio de Janeiro. O noivo Jayme S. residia no subúrbio carioca de Ramos e trabalhava no centro da cidade da antiga capital federal. A noiva Maria R. morava em Petrópolis. Analisaram-se 21 cartas dele e 18 dela. Pelas informações que constam na própria documentação, ambos eram adultos e tinham pouco contato com os modelos de escrita.

A delimitação do objeto estudo em dois modelos de análise

Nesse estudo, são analisadas as formas de tratamento verbo-pronominais de referência à segunda pessoa do singular que foram identificadas na amostra de cartas íntimas do início do século XX. O principal objetivo da descrição dos dados nessa amostra é observar 1) o papel das tradições discursivas nos

⁶ Os exemplos/dados foram extraídos de algumas cartas disponíveis no Corpus compartilhado diacrônico: cartas pessoais brasileiras que estão em Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010). A indicação do exemplo dá-se pela data em que foi escrita a carta, além do nome do remetente e do destinatário. Maiores informações sobre cada família, consultar o tópico “*Corpus*” no referido *site*.

⁷ Rachel de Oliveira Pereira (Mestrado-UFRJ/CNPq) é responsável pela edição desse material.

⁸ Janaina Pedreira Fernandes de Sousa e Érica do Nascimento Silva, ambas ex-bolsistas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UFRJ) e atuais alunas de Mestrado, são responsáveis pela transcrição e edição desse material publicado em Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010).

processos de mudança linguística e 2) os fatores que retardaram ou aceleraram na inserção da forma inovadora **você** no sistema pronominal. Para tanto, foram levantadas as formas de tratamento em todos os contextos morfossintáticos de ocorrência e não só na posição de sujeito (complemento direto, complemento preposicionado, determinante possessivo, etc). O intuito é verificar a) se há variação entre as formas relacionadas ao paradigma de **você** e de **tu** numa mesma carta, b) em que contextos morfossintáticos as formas relacionadas a **você** e/ou **tu** ocorrem e c) em que parte constitutiva da carta as formas tratamentais são empregadas. Para descrição de cunho variacionista, os dados foram submetidos ao Programa Goldvarb (RAND; SARKOFF, 1990) para calcular as frequências brutas e avaliar o peso de cada fator postulado na explicação do fenômeno de variação entre **tu** e **você**. A partir desses resultados gerais, fez-se uma análise, com base no programa computacional TraDisc e seus desdobramentos, de alguns documentos prototípicos do *corpus* a fim de estipular modelos de determinadas tradições discursivas da época no que se refere a padrões de comportamento tratamental. A ideia básica da metodologia proposta é, como será mostrado adiante, traçar um perfil de cada texto em um diagrama, chamado aqui de pronomograma, a partir da configuração visual dos resultados anotados pelo TraDisc.⁹

Análise variacionista: resultados gerais

A tabela a seguir reúne os resultados de toda a amostra descrita, apresentando um panorama geral do emprego das formas tratamentais no *corpus* a partir dos percentuais de frequência de uso e dos pesos relativos. O intuito é analisar a coexistência dos sistemas de tratamento de **tu** frente a **você** com seus paradigmas verbais, de possessivos e de clíticos correspondentes. Nessa análise de cunho estrutural, leva-se em conta a presença ou não de formas pronominais dos dois sistemas de tratamento (**tu** e **você**) em um mesmo documento (a chamada “mescla de tratamento” da prescrição gramatical). Propõe-se observar em que contextos morfossintáticos predominam as formas relacionadas a **você** ou a **tu** nessas cartas: sufixo flexional (sujeito nulo), imperativo, nominativo (sujeito pleno), determinante possessivo, pronome-complemento com e sem preposição:

⁹ O programa TraDisc é uma ferramenta computacional, desenvolvida na *Universität Tübingen*, que foi criada para anotar *corpora* linguísticos em um formato XML. Em princípio, o programa serve para identificar e anotar juntores (conectivos sentenciais) em um *corpus*, podendo, entretanto, ser utilizado para outros tipos de anotações como se propõe mostrar aqui. Como nossa análise se refere ao estudo de pronomes, estamos chamando de ‘pronomograma’ ou diagrama dos pronomes os resultados obtidos a partir do TraDisc.

Tabela 1 – Distribuição das formas de tratamento de 2ª pessoa em função do contexto morfossintático de ocorrência em cartas de casais no início do século XX (Valor de aplicação: paradigma de **você**)

Tipos pronomes/ Formas verbais	TU	VOCEÊ	Total	P.R
Pronome complemento sem preposição (te/você – clítico acus./dativo)	350/360 97,2	10/360 2,8%	360 23,6%	.22
Sufixo flexional (sujeito nulo)	283/310 91,3%	27/310 8,7%	310 20,3%	.52
Determinante Possessivo (teu/seu)	375/392 95,7%	17/392 4,3%	392 25,7%	.22
Verbo Imperativo (ex: Fala! Corre!)	81/149 54,4%	68/149 45,6%	149 9,8%	.90
Pronome Reto (tu/você – nominativo)	65/138 47,1%	73/138 52,9%	138 9,1%	.85
Pronome complemento (com preposição Contigo/com você)	119/175 32%	56/175 68%	175 11,5	.85
Total	1281/1524 84,1%	243/1524 15,9%	---	---

Fonte: autoria própria.

Em termos dos resultados globais, nota-se que as formas do paradigma de **tu** são as mais produtivas nessas cartas do início do XX com índices de frequência acima de 80%. Observa-se ainda que os contextos favoráveis a formas relacionadas ao inovador **você** são: a forma imperativa subjuntiva ('mande', 'escreva') com (.90) ilustrado em (1), o pronome complemento preposicionado (.85) como em (2) e o pronome-sujeito pleno (.85) exemplificado em (3):

- (1) “**Acceite** um abraço da tua G” (1906, Guilhermina a Affonso Penna).
- (2) “eu tenho sonhado todas as noites **com você**” (1936, Maria a Jaime).
- (3) “**voçe** dise que era melhor chamar-me de noivinha” (1936, Maria a Jaime).

Por seu turno, os contextos morfossintáticos favorecedores de formas relacionadas ao pronome original **tu** são: pronome-complemento sem preposição (**te**), verbo não-imperativo (sujeito nulo com marca desinencial de segunda pessoa) e determinante possessivo (**teu/tua**) ilustrados em (4):

- (4) “Bem **compreendes** as saudades que sinto da família e o empenho que tenho em voltar. Como **o estás** interessantes os nossos netinhos [...] Abençoo e abraço os nossos filhos, e envio-**te** o coração de Sempre e só **teu** Negrão” (1906, Affonso Penna a Guilhermina).

Esses resultados gerais confirmam o que tem sido observado em outros materiais do mesmo período: a inserção de **você** no sistema pronominal se implementou paulatinamente em alguns contextos mais do que em outros (LOPES; MACHADO, 2005). Os contextos de resistência à entrada de **você**, ou seja, os ambientes que propiciam o uso do paradigma de **tu** (clítico acusativo/dativo **te** e possessivo **teu**) foram também os mesmos identificados em outros trabalhos – Lopes (2009), entre outros.

Notou-se maior favorecimento de **você** como sujeito-preenchido e de **tu** como sujeito nulo nessas cartas. Em relação ao complemento do verbo, também foi identificada certa distribuição complementar. Enquanto o complemento preposicionado ('para/com/de **você**') favorece a presença da forma inovadora, o não preposicionado (clítico **te**) é o mais produtivo seja com função acusativa ('eu te vi'), seja dativa ('eu te dei a carta'). Como discutido em Lopes e Cavalcante (2011), o clítico **te** predomina tanto no subsistema tratamental em que **tu** é mais produtivo quanto no que prevalece **você** no tratamento geral do português brasileiro.

Apesar de esses resultados fornecerem uma generalização ampla do que ocorria no período, é preciso advertir que as frequências brutas totais não captam o perfil comportamental desses indivíduos nas relações sociais estabelecidas entre eles. Faz-se necessário elucidar, por exemplo, se todos os remetentes apresentavam ou não o mesmo comportamento quanto às escolhas tratamentais nessas cartas do início do século XX. Há outras questões importantes que necessitam de resposta: Como se dava a distribuição dos dados por remetente? As formas dos dois paradigmas em variação (de **tu** e de **você**) apareciam em uma mesma carta? Que sistemas de tratamento conviviam à época?

A distribuição das formas nas cartas e os sistemas de tratamento em constituição

O quadro a seguir sintetiza a distribuição das formas de tratamento em função da relação estabelecida entre remetente-destinatário na amostra geral analisada. Na primeira coluna, informa-se o autor e o destinatário da carta; na segunda, tem-se a data em que foi escrita; na terceira coluna, destaca-se o tipo de relação estabelecida entre os correspondentes e, finalmente, na última, é indicado se havia ou não uniformidade tratamental na carta, ou seja, se o remetente empregava categoricamente formas relacionadas a **tu** ou a **você** e que realizações concretas eram essas:

De → Para	Período	Relação	Tratamento empregado nas cartas de amor
A. Penna → Guilhermina Penna	1906	Esposo- esposa	Tu (quase) categórico. ♣ 1 dado de imperativo-subjuntivo (você): <i>procure</i>
Guilhermina → A. Penna	1906-10	Esposa- esposo	♣ Tu (quase) categórico. ♣ Imperativo-subjuntivo (você) majoritário. ♣ 1 dado de <i>seus</i> ♣ 1 dado de <i>você</i> -nominativo
A. Penna Jr. → Marieta Penna	1913	Esposo- esposa	♣ Você categórico (como V.)
Marieta → Penna Jr.	1905-10	Esposa- esposo	♣ Tu (quase) categórico. ♣ 1 dado de imperativo-subjuntivo (você): <i>aceite</i>
Jaime → Maria	1936-37	Noivo- noiva	♣ Tu majoritário (92%)
Maria → Jaime	1936-37	Noiva- noivo	♣ Aumento do uso de você em alguns contextos

Quadro 1 – Síntese da distribuição tratamental na relação remetente-destinatário

Fonte: autoria própria.

Percebe-se que o comportamento linguístico apresentado pelos remetentes é distinto. Na família Penna, os missivistas utilizam praticamente formas do paradigma de **tu** ou de **você**, mas mantêm quase categoricamente a “uniformidade tratamental” em suas cartas (uso exclusivo de um dos paradigmas). Como são pessoas ilustres que compõem a elite brasileira da época, adotam os usos mais convencionais de tratamento e, nesse sentido, predominou o emprego do **tu**-íntimo: tratamento esperado em relações interpessoais de maior proximidade.

Nas cartas em que o patriarca da família, o então Presidente da República, escreve a sua esposa Guilhermina, o **tu** foi de uso quase categórico em todas as suas formas de realização (**de ti, teus, te**), havendo apenas uma única ocorrência de verbo imperativo relacionado a **você** (“procure”) como se vê em (5):

(5) “Acho me hoje a m[ai]s de 1.100 legoas distante de ti, minha adorada Negrinha! Que saudades, que saudades sinto! e sem ter teus carinhos e conselhos religiosos no [inint] transe porque passei! **Procure** não affligir te, mas sem o querer a pessoa refere se ao fatal, ao dolorosissimo golpe que nos ferio! Prometto não mais tocar nesse assumpto, guardando no recesso de minh’alma essa magoa profunda”. (27/06/1906, Affonso Penna a Guilhermina).

A esposa Guilhermina, ao responder ao marido, emprega o mesmo tratamento (**tu** íntimo), mas foram localizados, diferentemente do que se viu na produção escrita do esposo, alguns poucos dados de formas do paradigma de **você**. Tal uso se deu, principalmente, com verbo imperativo, como ilustrado em (6), e,

eventualmente com o possessivo **seus** (1 ocorrência) em (7). Houve também um dado de **você** como sujeito pleno em (8):

(6) “Se **tivesses** vindo para mim seria em paraizo esta vida mas sem o meu Negrão é preciso que eu pense m[ui]to nos filhos p[ar]a fazer o sacrificio de demorar- me. **Dê** um abraço ao Alvaro, Ceição e Edmundo. Muitos beijinhos da Olguinha. (15/08/1901, Guilhermina a Affonso Penna).

(7) “Estou eu a choramingar q[uan]do preciso ter coragem p[ar]a te dar, devemos dar graças a Deos pelos **seus** beneficios. Tens tido saude, eu tambem e os filhos a viagem vai se fazendo a contento de todos os jornalistas estão alegres e bem intencionados o q[ue] mais queremos?” (17/07/1906, Guilhermina a Affonso Penna).

(8) “Affonsinho ja levanta agarrado na penna m[ui]to tremulo tem dias q[ue] está prazenteiro contador de historias como **você** sabe. como vai o Alvaro? tenho tido muitas saudades delle”. (sem data, Guilhermina a Affonso Penna).

Pode-se dizer que se trata de um comportamento mais conservador desse casal de pessoas ilustres, pois, além da manutenção do emprego de **tu** como estratégia recorrente no tratamento íntimo, a variação entre formas relacionadas a **tu** e a **você** nas cartas é incipiente e restringe-se basicamente a formas imperativas. Como o sistema que se firmou no português brasileiro foi constituído pelo sincretismo entre os paradigmas de **tu** e de **você**, ou seja, a ausência da “uniformidade no tratamento” prescrita na gramática tradicional, postula-se que Affonso Penna e sua esposa (mais ele do que ela) ainda adotavam uma norma mais “portuguesa” do que brasileira.

Nas cartas trocadas entre o filho do Presidente Penna (Afonzinho) e sua esposa Marieta, embora predomine um único tratamento como no casal anterior, há uma certa divergência quanto à escolha das formas. Penna Junior. trata a esposa apenas por **você**, utilizando-se da abreviatura (V.) como em (9), ao passo que sua esposa repete o comportamento de sua mãe ao se dirigir ao marido (uso sistemático de formas relacionadas a **tu** e um único dado de imperativo de **você**):

(9) “Hontem e hoje tive o imenso conforto de receber duas cartas suas. Já estava pensando que tinha sido esquecido, que **V.** não sentiu falta nem saudade do maridinho e minha tristeza era tão grande, que nem coragem tinha de ranzinzar”. (16/03/1919, Affonso Penna Junior a Marieta).

O casal de pessoas não ilustres apresenta um sistema de tratamento distinto. Nas cartas produzidas em fins dos anos 30, principalmente na produção escrita pela Maria, houve uma forte presença de **tu** ao lado de **você**. Nas cartas de Jayme tem-se a convergência das formas, mas os índices relativos ao pronome primitivo **tu** são significativamente altos (92%). Foi justamente nas cartas de Maria, a menos

letrada de todos os remetentes controlados, que se verificaram fortes indícios do que se constituiu o sistema de tratamento do português brasileiro: coexistência de **tu** ao lado de **você** nos contextos morfossintáticos apontados na tabela 1. No exemplo (10), percebe-se que Maria usa **você** na posição de sujeito (**voçe dise**) e em seguida emprega a forma verbal **reparaes**. Na sequência da carta, utiliza **você** como sujeito (**voçe troçe**) ou como complemento preposicionado (para voçe) ao lado das formas relativas ao pronome original **tu** (**tuas, teu, te, repares, ires, manda**):

(10) “Jayme **voçe** dise que era melhor chamar-me de noivinha eu jabotei na carta não reparaes eu fiquei eu jáli a quele romance que **voçe** troçe no domingo e muito bonito mais não proçedas como elle eu vou proçeder como ella **para voçe** eu passo o dia inteiro lendo as tuas cartinhas e beijando o teu retratinho. muitos beijinhos desta que te ama muito não reparaes a minha carta por que sou bobinha eu pesso-te para ires aumedico trite de **voçe** brigar no escritório eu pesso-te para ficares mais calmo, manda-me dizer por que **voçe** brigou com **Senhor** Mario” (22/09/1936, Maria a Jaime).

Em síntese, esses resultados evidenciam distintas normas de uso vigentes no período analisado. Como se viu, os raros casos de coexistência do paradigma de **tu** ao lado **você** na família Penna se circunscreveram apenas ao uso do imperativo-subjuntivo localizado nas cartas das duas esposas: a do marido (Guilhermina) e a do filho (Marieta). A emergência da variação entre **você** e **tu** em um mesmo documento começa a se consolidar mais fortemente na produção da década de 30, principalmente, nas missivas de Maria (menos contato com modelos de escrita). Em função desses resultados, postulam-se alguns modelos prototípicos que vislumbram o comportamento tratamental nas relações de maior intimidade em cartas do início do século XX:

- 1) Uso de **tu**-exclusivo (comportamento conservador).
- 2) Uso de **você**-exclusivo (V): conservador.
- 3) Predomínio absoluto de **tu** com imperativo-subjuntivo (**você**): ± conservador.
- 4) Perfil de variação inicial sinalizando mudança (**tu** desinencial e **você** lexical).

Análise complementar das TDS: uma proposta de aplicação metodológica

Propõe-se, na sequência, uma análise metodológica adicional a partir do programa computacional TraDisc e de seus desdobramentos. A hipótese básica, discutida em Kabatek (2006) para a análise de outro fenômeno, é a de que o levantamento do esquema de formas de tratamento varia em uma mesma sincronia

a depender do texto produzido. O ponto central seria, desse modo, determinar a relação entre as formas tratamentais empregadas em um texto determinado e “a TD à qual pertence”. Em termos qualitativos, a depender da finalidade comunicativa de cada carta e do perfil social do indivíduo que a produziu, ou seja, do maior ou menor contato com modelos de escrita da época, os esquemas tratamentais também poderiam ser distintos.

Partindo do resultado obtido na análise quantitativa variacionista, pretende-se comprovar como a diagramação dos dados (pronomograma) de cada documento pode facilitar a visualização desses distintos sistemas de tratamento postulados para a época. A idéia básica é traçar o perfil de cada texto a partir da configuração visual dos dados que foram anotados previamente no programa TraDisc (MALISI, 2006).¹⁰ O objetivo desse diagrama (pronomograma) é formalizar uma imagem-padrão do fenômeno estudado ao longo do documento. Trata-se de uma ferramenta interessante que pode ser utilizada inclusive para estipular modelos de determinadas tradições discursivas. Se forem feitas análises de textos prototípicos de uma determinada tradição discursiva, traçando nesses diagramas alguns perfis básicos, pode-se perfeitamente, a partir de análises comparativas de outros textos, estabelecer confrontos que permitirão observar quanto o documento em análise se afasta ou se aproxima do perfil modelar estipulado. Obviamente que não se trata de uma camisa de força, mas um parâmetro inicial de análise.

Parâmetros de análise para o TraDisc

A partir do Programa TraDisc, os dados linguísticos são anotados em dois eixos (horizontal e vertical) com base em determinadas funções ou características de sua escolha. Parte-se de um esquema postulado pelo usuário que gera uma tabela entrecruzando colunas e linhas nas dimensões previstas que podem ser de natureza diferenciada, por exemplo: sintática x semântica. São atribuídos para cada item anotado dois números que dependem dos critérios postulados previamente a partir de um esquema de anotação criado pelo linguista. A cada elemento de uma coluna é atribuído um número positivo de acordo com a sua posição. Para cada linha, é indicado um número negativo em função também da sua posição (mais próximo ou mais distante de zero). No caso da análise dos pronomes de tratamento de 2ª pessoa encontrados nas cartas, optou-se por contrapor visualmente o paradigma de **tu** ao de **você**. No primeiro caso (**tu**), os itens aparecem no eixo y (positivo) e, no segundo pronomograma de **você**, no eixo x (negativo). Na configuração dos dois eixos previstos no TraDisc para anotação dos dados, levou-se em conta a seguinte distribuição:

¹⁰ O manual está disponível em inglês no site da Universität Tübingen: (MALISI, 2010). Pode-se fazer o *download* das ferramentas computacionais *TraDisc* e *Tokenizer* em (PROJEKT..., 2010).

Valores (+) Eixo y	Formas relacionadas a TU	Valores (-) Eixo x	Formas relacionadas a VOCÊ
+1	Sufixo verbal de P2 – <i>s, ste</i>	-1	Sufixo verbal de P3 – <i>Ø, u</i>
+2	Forma verbal imperativa (indicativo)	-2	Forma verbal imperativa (subjuntivo)
+3	Acusativo – (te)	-3	Acusativo – (o, você?)
+4	Dativo – (te)	-4	Dativo – (lhe, a você)
+5	Det. Poss. (tu)	-5	Det. Poss. (seu)
+6	Nominativo – tu	-6	Nominativo – você
+7	Prep. + pronome – contigo	-7	Prep. + pronome forte – com você

Quadro 2 – Contexto morfofossintático das formas variantes

Fonte: autoria própria.

Como se vê no esquema proposto no quadro 2, a hierarquização dos elementos de (1) a (7), em termos do contexto morfofossintático de realização, não foi aleatória. O mesmo critério de anotação foi utilizado nos dois eixos (positivo para formas de **tu** e negativo para formas de **você**), prevendo um continuum de morfologização do item em questão. Isso quer dizer que a realização morfofossintática do paradigma de **tu** ou de **você** foi observada tendo em vista um controle gradual da forma (mais ou menos gramatical): quanto mais próximo de zero, mais morfologizado o item [+gramatical], quanto mais distante de zero, mais livre é a forma analisada [-gramatical]. Segue a proposta descritiva dos critérios adotados para nivelção das formas em análise.

No primeiro nível de cada eixo (+1) ou (-1), a expressão de segunda pessoa é um mero sufixo verbal, uma forma presa portanto. Como as formas imperativas não apresentam desinência própria e são oriundas de outros modos verbais (indicativo, no caso de **tu** e subjuntivo no caso de **você**), optou-se por hierarquizá-la no segundo nível (+2 ou -2).

Nos terceiros e quartos níveis, constam as formas clíticas¹¹ pronominais que, como afirma Brito et al (2003, p.828), “[...] partilham com outras unidades lexicais, como as preposições e os artigos, a propriedade de serem átonas, e por isso, dependentes de itens lexicais com acentuação própria, usualmente designados como seus hospedeiros.” São considerados pelas autoras como clíticos especiais já que, diferentemente dos artigos e preposições, se cliticizam numa classe de palavras específica (o verbo) e não tem necessariamente uma posição fixa relativamente ao seu hospedeiro, podendo ocorrer em próclise, ênclise e mesóclise. Não são formas livres como os pronomes fortes, pois não ocorrem isoladamente

¹¹ A subdivisão dos clíticos foi pensada para o **te** (acusativo/dativo), **o, a** (acusativo) e **lhe** (dativo). No caso de **você** com função acusativa não houve ainda um processo de cliticização nesse contexto (***vi cê**), mas optou-se por hierarquizar tal forma no mesmo nível (3 e 4) meramente para facilitar a comparação.

no discurso, mas também não seriam presas como os sufixos verbais. Seriam as formas dependentes de Camara Junior (1970).¹²

No nível 5, estaria o determinante possessivo que seria mais livre que os clíticos, uma vez que respondem por si só a uma pergunta (De quem é esse livro? **Teu/Seu**) e não assumem obrigatoriamente posição fixa pré-nominal (**teu filho/filho teu**). Nos dois últimos níveis (6) e (7) estão as formas fortes dos pronomes como nominativo e complemento preposicionado.¹³

A partir da anotação das formas de tratamento encontrados foi possível gerar o 'pronomograma' de cada texto. O diagrama feito exibe o número do dado no eixo *x* ou o próprio item anotado, coordenando o valor negativo com cada número do dado no eixo *y*. Com tal diagrama, ilustra-se a anotação feita de todos os itens de um texto. Na sequência, apresentam-se os 'pronomogramas' de seis cartas que são representativas das normas tratamentais vigentes à época.

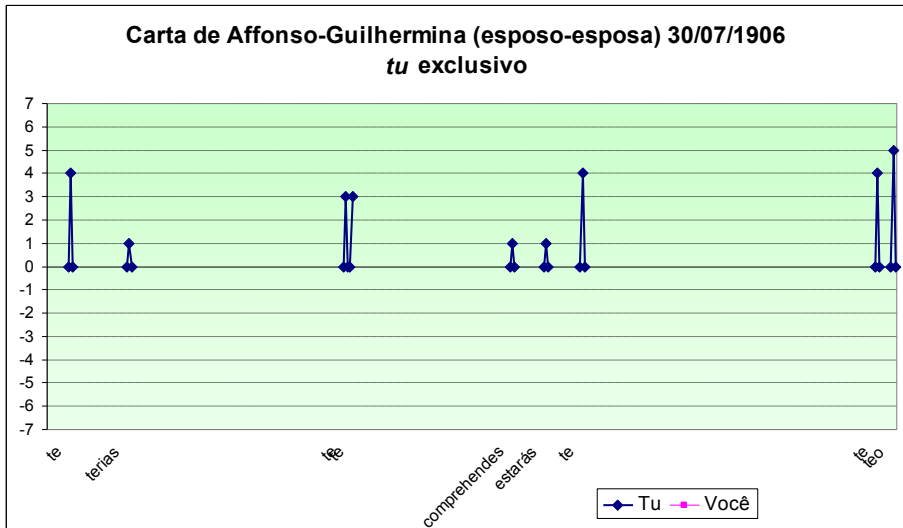
Estipulando os padrões de comportamento pelo modelo TraDisc: normas de uso

O primeiro diagrama foi feito a partir de uma carta de 1906 escrita pelo patriarca Affonso Penna a sua esposa Guilhermina. Como se viu na análise variacionista, o Presidente da República só utilizava formas do paradigma de **tu** em todos os contextos de ocorrência:

A partir do pronomogra 1 é possível perceber a distribuição dos dados ao longo da carta. São indicadas, na parte inferior, as formas concretas realizadas (**te, terias, te, compreendes, estarás, te, teo**) e os pontos marcados no eixo positivo do gráfico categorizam o contexto morfossintático controlado pelos parâmetros postulados no quadro 2: (+1) sufixo verbal de P2, (+3) acusativo, (+4) dativo, (+5) determinante possessivo. No modelo de análise proposto, considerou-se conservador o comportamento do missivista pela uniformidade tratamental em sua produção escrita (presença apenas do paradigma de **tu**). No pronomograma 1 visualiza-se tal perfil, uma vez que todas as formas de segunda pessoa empregadas na carta só ocorreram no eixo positivo (*y*) atribuído a **tu**. Não foram detectados dados relativos a **você** na produção escrita de Penna.

¹² Brito et al (2003, p.847) afirmam que “[...] o comportamento dos clíticos, na sua globalidade, face ao hospedeiro verbal em que cliticizam, permite caracterizá-los como itens lexicais que partilham um estatuto intermédio entre as palavras acentuadas e os afixos.” Considera-se ainda que, independente do seu conteúdo semântico, os clíticos seriam quase-afixos flexionais por exibirem marcas de pessoa. No português europeu aparecem nos dados de aquisição e na língua coloquial, em ênclise mesmo nos contextos em que a próclise é obrigatória. No português brasileiro, por outro lado, ocorre na posição proclítica, constituindo nesse caso um prefixo.

¹³ Pelo critério de [+morfologizado] > [-morfologizado] adotado aqui, os pronomes complementos antecedidos de preposição deveriam estar a um nível acima dos nominativos. A hierarquização merece ainda alguns ajustes que serão feitos em outra ocasião.



Pronomograma 1 – Carta com **tu**-exclusivo (comportamento conservador)

Fonte: autoria própria.

No viés das tradições discursivas, pode-se dizer que a estratégia de tratamento **tu** é evocada por uma situação concreta (carta íntima) que se repete. Vários indícios do alto grau de intimidade, do caráter privado, de marcas de emocionalidade e confiança estão presentes no documento (KOCH; OESTERREICHER, 2007). A saudação inicial é inaugurada com o qualificador ‘querida’ seguido pelo nome da esposa no diminutivo (‘Mariquinha’). Percebe-se também a forte presença de apelidos afetivos para se dirigir ao filho (‘Tavo’ por Otávio). Na maneira de assinar (‘Negrão’), o Presidente deixa evidenciado o papel que assume na sua relação com a esposa:

(11) “**Querida Mariquinhas** || São Paulo, 30 de Julho de 1906 || Escrevo te da bella Capital paulista que tantas recordações” [...] Imagino a inveja que as nossas pequenas terão de **Tavo** por se achar na Paulicea, tão [decantada] e que é realmente a segunda Cidade do Brasil”. (30/07/1906, Affonso Penna a Guilhermina).

(12) “envio-te o coração de Sempre e só **Teo Negrão**”. (30/07/1906, Affonso Penna a Guilhermina).

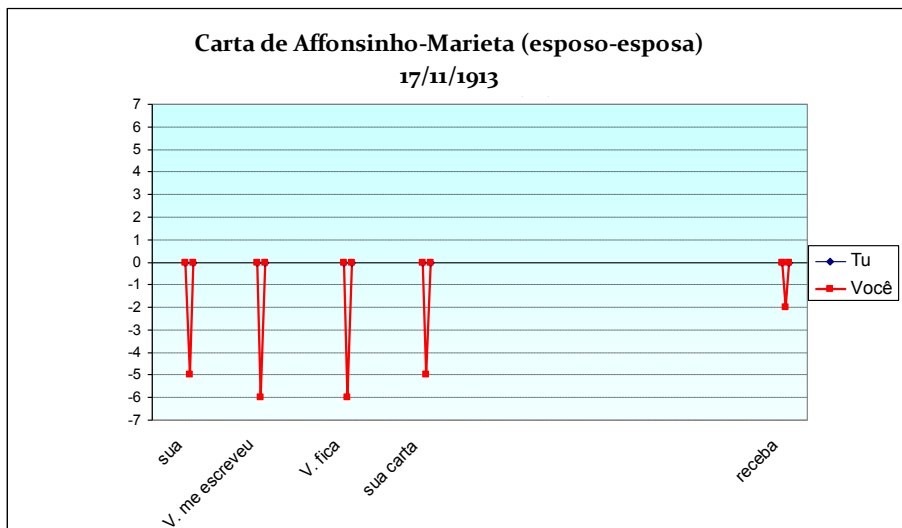
Outras passagens sinalizam o caráter íntimo, pessoal e amoroso dessa carta. A temática que impera é a saudade marcada pela distância da pessoa amada:

(13) “**senti o espirito de saudade aguçando, por faltar a minha companheira, que tanto adora as flores**” (30/07/1906, Affonso Penna a Guilhermina).

(14) “Felizmente os dias vão correndo, e **não está longe aquelle em que terei a felicidade de abençoar te** e beijar **te** amorosamente” (30/07/1906, Affonso Penna a Guilhermina).

(15) “Bem compreendes **as saudades q[ue] sinto da familia** e o empenho que tenho em voltar”(30/07/1906, Affonso Penna a Guilhermina).

O diagrama a seguir foi gerado a partir de uma carta de 1913 do Affonso Penna Jr. a sua esposa Marieta. Diferentemente do padrão anterior, em que só se empregava **tu**, na produção escrita do filho do Presidente Penna foi categórico o uso de **você**:



Pronomograma 2 – Carta com **você**-exclusivo (V.): conservador

Fonte: autoria própria.

Comparando os dois pronomogramas (padrão I e II), parece haver um perfil distinto. Aqui todas as formas marcadas no gráfico estão no eixo negativo que controla o paradigma de **você**: **sua**, **V.(ocê)**, **receba**. Nesse caso, pode-se adotar duas linhas interpretativas. Em uma primeira leitura, poder-se-ia detectar a generalização de **você**, evidenciando que na geração mais jovem já haveria a expansão do contexto comunicativo em que o tratamento é evocado:

(16) “Querida Marieta. Recebi hoje sua primeira carta datada de 14, mas com o carimbo de 15. Supponho não ser a 1a que **V.(ocê)** me escreveu, pois fala em doença de Affonso como cousa já sabida e, quando eu sahi, elle estava bom. Calculo como **V.(ocê)** fica nervosa e afflicta com estas cousas fula de afflicção em que tambem fico. (...) Caricias aos filhinhos, saudades às meninas e à Mamãe, a

quem peço a benção e *receba* o coração saudoso de Chim” (17/11/1913, Affonso Penna Jr. a Marieta).

Nessa carta, assim como na anterior, também há fortes traços de intimidade e a relação estabelecida é a mesma: esposo-esposa. O que chama atenção, entretanto, é que a forma **você** aparece graficamente abreviada e com letra maiúscula (**V.**) como se vê na ilustração a seguir. Por ser uma forma híbrida em processo de mudança, esse **você** poderia resguardar vestígios de polidez do tratamento original (**Vossa Mercê**) e, nesse caso, faria parte de uma TD predominante, seguindo o remetente um determinado padrão modelar de escrita. O uso do papel timbrado reproduzido no *fac-símile* de outro documento é mais um dado para fundamentar tal interpretação:

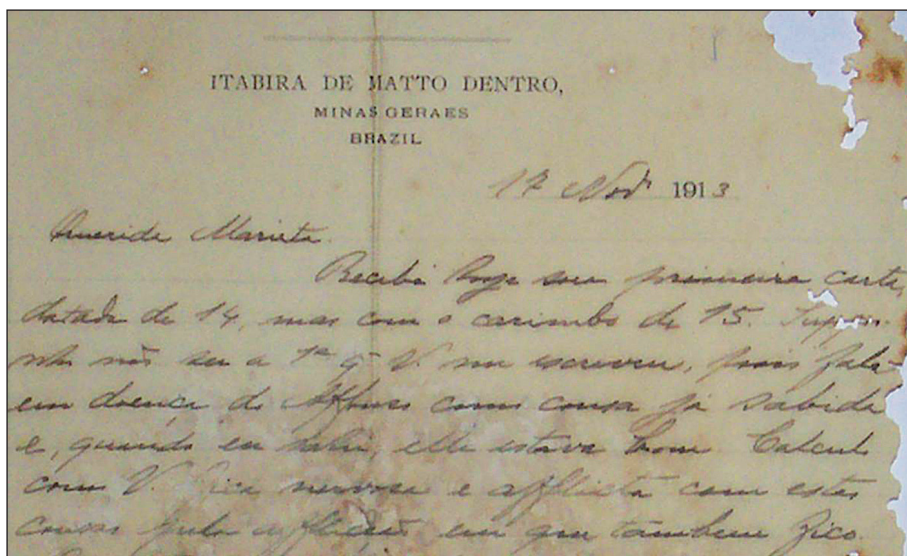


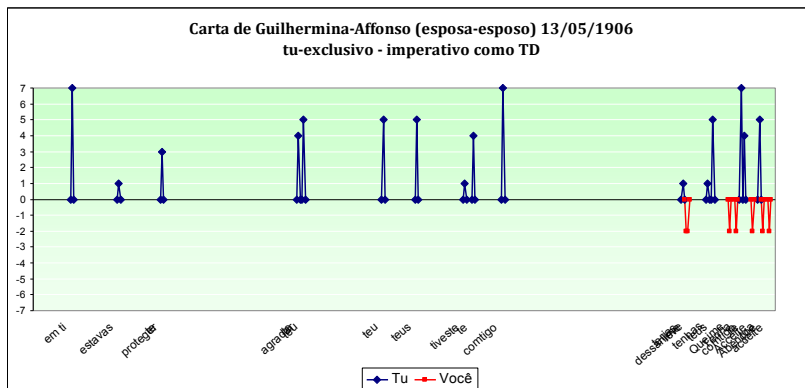
Figura 1 – Carta de Affonso Penna Jr. a sua esposa Marieta em 17/11/1913

Fonte: autoria própria.

Nesses dois primeiros casos (pronomogramas 1 e 2), considerou-se o padrão de comportamento conservador levando-se em conta como parâmetro de análise, a categórica uniformidade na escolha tratamental (não houve variação entre formas de **tu** e de **você** nas cartas). Por serem ambas pessoas ilustres, com perfil social bastante semelhante, defende-se que, nos dois casos, o emprego tratamental era motivado pelas tradições dos modelos de escrita que imperavam à época.

É preciso ressaltar, entretanto, que no início do século XX o emprego de **você** já se fazia presente, de maneira tímida, nos mesmos contextos sócio-funcionais que o pronome íntimo original **tu**. Como se viu, os dois padrões foram

postulados a partir de cartas do mesmo tipo [+intimidade] e de idêntica relação pessoal [esposo-esposa]. A distinção geracional entre os remetentes pode nos dar indícios do que se observa em outros estudos: a generalização do emprego de **você** no lugar de **tu** como tratamento de [- distância], [+ solidariedade], [- formalidade].



Pronomograma 3 – Carta com predomínio absoluto de **tu** com imperativo-subjuntivo (**você**): [± conservador]

Fonte: autoria própria.

O padrão ilustrado no pronomograma 3 apresenta um perfil distinto dos dois anteriores. Trata-se de uma carta de Maria Guilhermina ao marido Affonso Penna, escrita em 1906 e representativa do comportamento de ambas as esposas ilustres (Maria Guilhermina e Marieta). Vê-se no diagrama 3 que houve predomínio do **tu-íntimo** (eixo positivo) ao longo do documento e a presença de formas do paradigma de **você** (eixo negativo) se dá apenas em um contexto bem peculiar e numa parte da carta específica (fim do documento). Nesse caso, mais evidente do que os dois anteriores, a força da TD parece atuar de maneira irrefutável. A predominância do tratamento **tu** nas cartas das esposas prevalece, embora não de maneira categórica. O contexto de uso de formas relacionadas a **você** se circunscreve a um ambiente morfossintático e local específicos: imperativo-subjuntivo empregado na seção de despedida.

Partindo do diagrama e observando os dados, as evidências são ainda mais marcantes. Foram identificados 72 dados de imperativo-subjuntivo nas cartas dos dois casais da família Penna. Desse total, 36 dados ocorreram nas cartas das esposas. Interessante observar, entretanto, que desses 36 dados, 24 aparecem na “seção de despedida” e apenas 09 no núcleo da carta. Constata-se, desse modo, que o emprego do imperativo nessas cartas femininas ocorreu como uma estrutura quase cristalizada na “seção de despedida” e não se configura como um uso inovador, mas sim como uma imposição de uma TD.

No quadro a seguir, tem-se a distribuição dos dados de imperativo nas cartas das esposas da família Penna. Na primeira coluna, estão os exemplos de imperativo negativo que favorecem obviamente a forma subjuntiva, nas duas seguintes, indica-se a seção da carta em que o dado foi localizado, além da lista dos verbos e o número de ocorrências com cada verbo:

Imperativo Negativo	Núcleo da Carta	Seção de Despedida
Não me legres	Diga (02)	Aceite (15)
Não me engane	Veja (02)	Abençoe (03)
Não deixe	Entregue (01)	Receba (02)
3 dados	Queime (01)	Dê (02)
	Pense (01)	Abrace (01)
	Olhe (01)	Recomende-me (01)
	Mande-me (01)	24 dados
	9 dados	

Quadro 3 – Distribuição dos imperativos subjuntivos nas cartas das esposas Penna por seção

Fonte: autoria própria.

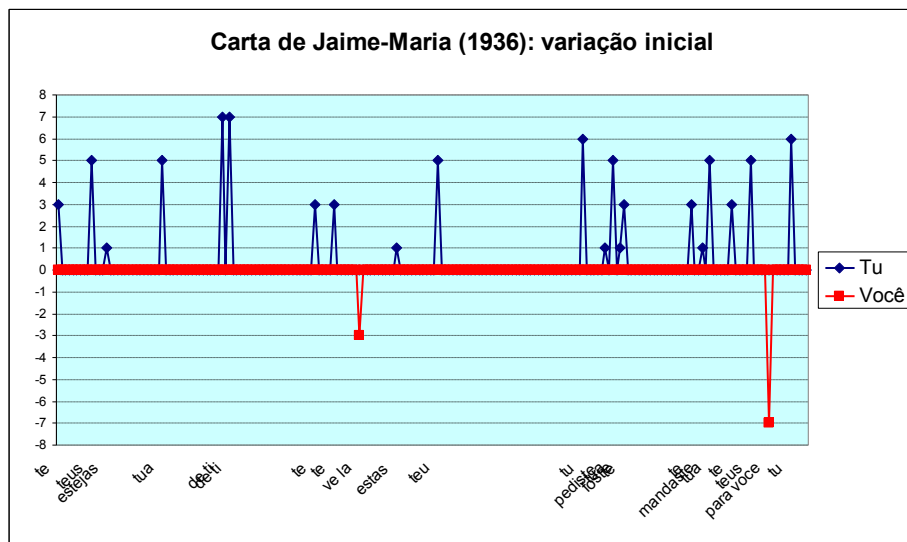
Os exemplos ilustram que o emprego do imperativo nessas cartas femininas ocorre realmente em estruturas fixas típicas do gênero. Nesse caso, ainda não se pode dizer que se trata de um comportamento inovador, pois tal emprego é gerado por imposição do modelo epistolar. A mera quantificação desses dados, sem levar em conta que fazem parte de uma TD, pode inviabilizar qualquer generalização decritiva diacrônica:

Seção de despedida	Núcleo da Carta
<p>“receba o coração m[ui]to saudozo da tua G”</p> <p>“Dê um abraço ao Alavro”</p> <p>“Dê lembranças a Come Jovita.”</p> <p>“acceite um abraço da tua G=”</p> <p>“Abençoe e abrace os filhos todos”</p> <p>“Acceite um abraço da tua Maria”</p> <p>“Acceite um abraço da tua G.”</p> <p>“Abençoe as filhas e acceite beijos das filhinhas.”</p> <p>“Acceite m[ui]tos beijos nossos filhos e netos”</p> <p>“Abençoe os nossos filhos”</p> <p>“Acceite o coração e m[ui]tos abraços e beijos da tua G”</p> <p>“Acceite o saudozo coração de tua G”</p> <p>“Acceite um abraço e o coração da tua G”</p> <p>“Acceite um abraço da tua Maria”.</p> <p>“Com Alvaro acceite m[ui]tos beijos da criançada” e abraços da tua G”</p> <p>“acceite mil abraços da Maria”</p> <p>“acceite com Alvaro abraços e beijos da tua G”</p> <p>“Com os nossos filhos acceite um abraço da tua Maria”</p> <p>“Os Recomende me ao D[ou]tr Aarão”.</p>	<p>“Diga isso a Ceição p[ar]a ella escrever lhe sobre a renda”.</p> <p>“Se não tiver levado o cartão da Gita, entregue este”.</p> <p>“O Leopoldo não gosta da sogra por justos motivos veja q[ue] sacrificio tem de fazer p[ar]a morar junto”.</p> <p>“Queime as m[inh]as cartas. Tenha m[ui]to cuidado contigo, eu te prometo fazer o mesmo”.</p> <p>“pense em mim nos filhos, e na Patria que precisamos tanto tanto de ti”.</p> <p>“diga lhe que relevo as faltas das cartas aceitando as desculpas”</p> <p>“cuide bem de tua saude, que estou fazendo o mesmo para me encontrares forte”.</p> <p>“Fiz benção de nunca me meter ou atrapalhar os teus planos, pois não entendo nada de politica e posso te prejudicar, ouvindo só o meu coração. Veja bem isso: olhe q[ue] as mudanças bruscas são m[ui]to ruins p[ar]a a saude”</p>

Quadro 4 – Dados de imperativo extraídos das cartas das esposas

Fonte: autoria própria.

Mesmo levando em conta às pressões do gênero, considerou-se que o pronomograma do tipo III configura um padrão de transição [\pm conservador] entre um sistema bastante homogêneo e uniforme (I e II) e outro mais variável e instável (padrão IV) apresentado a seguir:



Pronomograma 4 – Carta com perfil de variação inicial (**tu** desinencial e **você** lexical) [\pm inovador]

Fonte: autoria própria.

O pronomograma 4 ilustra um padrão de comportamento tratamental estipulado como [\pm inovador]. Tem-se diagramada uma carta de 1936 escrita por Jaime a sua noiva Maria. Nota-se a presença de formas relacionadas ao **tu-íntimo** em praticamente todos os níveis controlados (contextos morfossintáticos de ocorrência) e no decorrer de toda a carta.

Diferentemente dos padrões anteriores, as formas do paradigma de **você** aparecem somente em dois momentos. O primeiro deles, em (17), tem-se um exemplo bastante artificial de clítico acusativo **a** associado à segunda pessoa (-3). Tal dado ocorreu nessa carta repleta de **tu** como sujeito nulo (+1). A presença sistemática do clítico **te** reforçou a interpretação da forma acusativa '**a**' como de segunda pessoa. Considera-se ainda que tal excepcionalidade pode ser apenas um resquício do modelo epistolar, uma vez que Jaime, embora seja de letramento mediano, costuma reproduzir trechos típicos do discurso amoroso repleto de frases feitas:

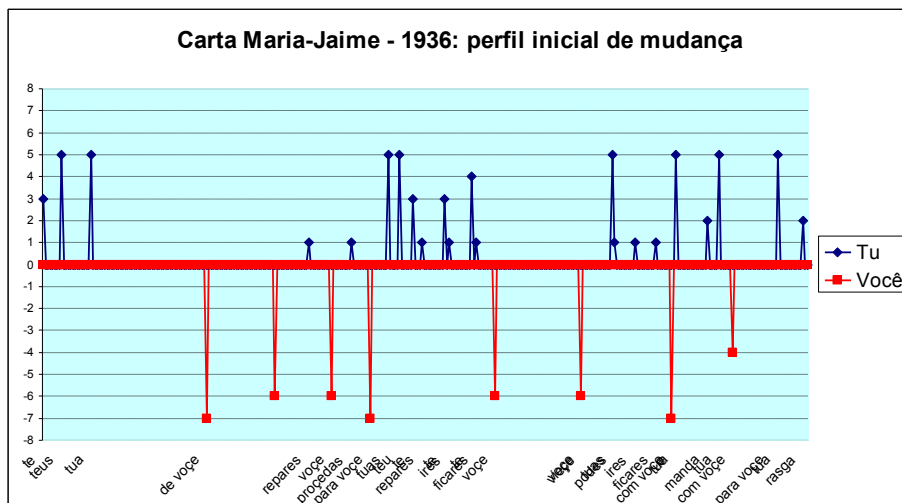
(17) “a saudade atormenta-me a todo momento pareço ouvir-te falar, ou então ouvir-te jamar pelo meu nome, pareço vel-a, mas tudo isso não passa de uma

ilusão, porque estas tão longe, e só tenho comigo dentro do peito o teu pobre coração.” (24/09/1936, Jaime a Maria).

O outro dado ocorreu no fim da carta na ‘seção de despedida’. Trata-se de um complemento preposicionado com função oblíqua (-7).¹⁴ Esse tipo de complemento, diferentemente dos de função acusativa e dativa, é sempre tônico e regido por preposição, mas não estabelece relações gramaticais centrais Duarte (2003, p.294):

(18) “Eu soube que tu vinhas do dia 4 de Setembro pediste que tua mãe foste te buscar, eu não quero que eles vão dizer que foi por minha causa, eu queria ir buscar-te ja que mandaste a tua mãe, contento-me em esperar-te na Central. Lembranças aos teus, beijos para Hilda, e **para voce** minha querida” (24/09/1936, Jaime a Maria).

O emprego ainda que esporádico de formas de **você** ao lado do uso recorrente de **tu** em uma carta de pessoa de cultura mediana, como é o caso do Jaime, já dá indícios da instabilidade do sistema tratamental na época e da insegurança dos falantes quanto a sua nova formação.



Pronomograma 5 – Carta com perfil de variação inicial (**tu** desinencial e **você** lexical): [+ inovador]

Fonte: autoria própria.

O último pronomograma (5) exhibe o comportamento mais inovador para o período. É possível perceber que os pronomes **tu** e **você**, com suas correspondentes

¹⁴ Estamos considerando, aqui, como oblíquos os argumentos obrigatórios que fazem parte da estrutura argumental dos verbos – “complemento relativo” de Rocha-Lima (1972) – e os opcionais (adjuntos).

variantes morfossintáticas, ocorrem ao longo de todo o documento, ilustrando claramente o padrão linguístico vigente no português brasileiro em termos do sistema pronominal de segunda pessoa. Interessante destacar que as formas relacionadas à segunda pessoa original (**tu**) são produtivas nos contextos morfossintáticos mais próximos de zero, sendo, portanto, os mais morfologizados. O pronomograma mostra que as formas identificadas não ultrapassam o nível 5 e, desse modo, englobam apenas: (+1) formas desinenciais da segunda pessoa **tu** (sujeito nulo), (+2) formas verbais do imperativo-indicativo, (+3) clítico acusativo **te**, (+4) clítico dativo **te** e (+5) determinante **teu/tua**. As formas do paradigma do inovador **você**, por sua vez, ocorrem mais frequentemente como pronomes fortes nos níveis mais próximos de (-7), ou seja, são [-morfologizados]. A maior presença deu-se no nível (-6) e (-7): pronome sujeito e complemento verbal regido por preposição respectivamente:

(19) “Espero que esta te vá encontrar em perfeita saude junto aus teus eu e os meus vamos bem graças a Deus eu recebi a tua cartinha no dia 22 as 2 horas da tarde eu quando recebi fiquei tam contente mais as saudades au mentará muito mais eu fiquei lendo na estação naquele banco onde nois estivemos asentados eu estava lendo e as lagrimas caião na carta lenbrando-me do domingo a noite que eu estava junto **de voçe** e naquela hora estava so com a Ismênia no dia que eu fu buscar a carta fasia um dia lindo para nois dois paciarmos juntinhos como no domingo Jayme **voçe** dise que era melhor chamar-me de noivinha eu ja botei na carta não reparaes eu fiquei eu já li aquele romançe que **voçe** troçe no domingo e muito bonito mais não proçedas como elle eu vou proçeder como ella **para voçe**”. (22/09/1936, Maria a Jaime).

Considerações finais

A combinação das duas perspectivas de análise (sociolinguística variacionista e o modelo da Tradição Discursiva) trouxe resultados mais seguros que permitiram visualizar a distribuição dos dados em cada documento. A aplicação metodológica possibilitou identificar com clareza que formas tratamentais empregadas nos documentos eram motivadas pelas tradições do texto e quais poderiam ser consideradas como indícios da norma linguística da época em questão.

Além de mapear a expansão dos contextos comunicativos em que a forma tratamental inovadora **você** é evocada, foi possível traçar, nas cartas em análise, os diferentes perfis tratamentais da época: (I) uso exclusivo do **tu-íntimo** em cartas de maior proximidade comunicativa; (II) emprego do **você**-exclusivo em cartas de mesma natureza; (III) predomínio de **tu-íntimo** com o emprego de formas do

paradigma de **você**, como imperativo-subjuntivo, em uma seção específica da carta (imposição de uma TD); e (IV) variação inicial entre **tu** e **você** nos mesmos contextos funcionais com uma distribuição morfossintática diferenciada: **tu** [+morfologizado], predominando como afixo verbal ou clítico acusativo/dativo e **você** [-morfologizado], prevalecendo como pronome forte (nominativo ou complemento preposicionado).

É preciso salientar que o refinamento dessa metodologia de análise, principalmente para caracterizar criteriosamente um *corpus* diacrônico, pode trazer grande contribuição aos estudos de linguística histórica que ganharam impulso nos últimos anos no Brasil.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq, à FAPERJ e à CAPES pelo apoio financeiro. Agradeço, ainda, as valiosas contribuições dos pesquisadores da *Univesität Tübingen*.

LOPES, C. R. S. Discourse Tradition and Linguistic Change in the pronominal forms of address in Brazilian Portuguese: defining behavioural profiles in the beginning of the 20th century. *Alfa*, Araraquara, v.55, n.2, p.361-392, 2011.

- *ABSTRACT: This paper analyses different patterns of forms of address in the pronominal system in Brazilian Portuguese in the beginning of the 20th century. The analysis is based on a sample of private letters written between 1906 and 1936. The analysis is based on two theoretical frameworks: Sociolinguistics and Discourse Tradition Model. The results show four different patterns in the period: (I) the exclusive usage of the intimate tu (you-sg.) in letters of “higher intimacy relationship”; (II) the exclusive usage of você (you-sg derived from Vossa Mercê “Your Grace” or “Your Mercy”) in letters of the same nature; (III) the usage of intimate tu (you-sg) correlated with você (you-sg) pronominal paradigm, such as imperative-subjunctive moods in a specific section of the letter; (IV) the tu and você (you-sg) alternation in the same functional contexts but in a different morphosyntactic distribution: tu occurs with a higher rate in [+morphologized] contexts used as a verbal affix or an accusative/dative clitic (te) whereas você is more frequent in [-morphologized] contexts used as a strong pronoun (nominative or prepositional complement).*
- *KEYWORDS: Forms of pronominal address. Tu/você variation. Linguistic change. Blending of address forms.*

REFERÊNCIAS

BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.

BRAVO, D.; BRIZ, A. (Ed.). *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso e cortesía en español*. Barcelona: Ariel Linguística, 2004.

BRITO, A. M. et al. Predicação e classes de predicadores verbais. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003. p.204-242.

BRITO, O. R. M. de. *Faça o mundo te ouvir*: a uniformidade de tratamento na história do português brasileiro. 2001. 193f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2001.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. (Ed.). *Style in language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p.253-276.

CAMARA JUNIOR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

CORPUS compartilhado diacrônico: cartas pessoais brasileiras. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/laborhistorico/corpora/JM/01-JM-24-09-1936.xml>>. Acesso em: 05 jan. 2011.

COSERIU, E. Creatividad y técnica lingüística: los tres niveles del lenguaje. In: _____. *Lecciones de lingüística general*. Madrid: Editorial Gredos, 1981. p.269-286.

DUARTE, I. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p.275-320.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança lingüística. In: LOBO, T. et al. (Ed.). *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: Ed. da UFBA, 2006. p.505-530.

_____. ¿Cómo investigar las tradiciones discursivas medievales? El ejemplo de los textos jurídicos castellanos. In: JACOB, D.; KABATEK, J. (Ed.). *Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica*: descripción gramatical: pragmática histórica – metodología. Frankfurt: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 2001. p.97-132. (Lingüística Iberoamericana, 12).

KOCH, P. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico: el ejemplo del tratamiento vuestra merced en español. In: KABATEK, J. (Ed.). *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico*: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt:Vervuert, 2008. p.53-88. (Lingüística Iberoamericana, 31).

_____. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: FRANK, B.; HAYE, T.; TOPHINKE, D. (Ed.). *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, 1997. (ScriptOralia, 99). p.43-80.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. *Lengua hablada en la Romania*: Español, Francés, Italiano. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994. v.1.

LOPES, C. R. S. Retratos da variação entre “você” e “tu” no português do Brasil: sincronia e diacronia. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: Ed. da UFF, 2008. v.2. p.55-71.

_____. Correlações histórico-sociais e linguístico-discursivas das formas de tratamento em textos escritos no Brasil – séculos XVIII e XIX. In: CIAPUSCIO, G. et al. (Org.). *Sincronia y diacronia: de tradiciones discursivas en Latinoamérica*. Frankfurt: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 2006. v.107. p.187-214.

LOPES, C. R. S.; CAVALCANTE, S. R. O. A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-*te*. *Revista Linguística*, Santiago de Chile, v.25, p.30-65, jun. 2011. Disponível em: <http://www.linguisticalfal.org/25_linguistica_030_065.pdf>. Acesso em: 15 set. 2010.

LOPES, C. R. S.; DUARTE, M. E. L. De “Vossa Mercê” a “Você”: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-fólio, 2003. p.61-76.

LOPES, C. R. S.; MACHADO, A. C. M. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In: LOPES, C. R. S. (Org.). *A norma brasileira em construção. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: UFRJ/FAPERJ, 2005. p.45-66.

LOPES, C. R. S. et al. Sobre norma e tratamento em cartas a Rui Barbosa. In: AGUILERA, V. (Org.). *Para a história do Português Brasileiro: Vozes/Veredas/Voragens*. Londrina: Ed. da UEL, 2009. v.8. p.45-92.

MALISI, C. *TraDisc Manual*. Disponível em: <http://www.sfb441.uni-tuebingen.de/b14/TraDisc-Handbuch_en.pdf>. Acesso em: 03 maio 2010.

_____. *TraDisc*. Versão 1.0, 2006. 1 CD-ROM.

MARCOTULIO, L. L. *A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez linguística*. 2008. 215f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

OESTERREICHER, W. Mudança linguística e recursos de expressividade na língua falada. In: CIAPUSCIO, G. et al. *Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas en Latinoamérica*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2006. p.253-281. (Bibliotheca Ibero-Americana, 107).

PROJEKT B14. Tools. Disponível em: <<http://www.sfb441.uni-tuebingen.de/b14/tools.html>>. Acesso em: 03 maio 2010.

_____. Zur Fundierung von Diskurstraditionen. In: FRANK, B.; HAYE, T.; TOPHINKE, D. (Ed.). *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, 1997. p.19-41. (ScriptOralia, 99).

RAND, D.; SANKOFF, D. *Goldvarb: a variable rule application for the Macintosh*. Version 2.0. Montréal: Université de Montréal, 1990.

ROCHA-LIMA, H. da. *Gramática normativa da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, José Olympio, 2002.

RUMEU, M. C. B. *A implementação do 'Você' no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista: um estudo de painel*. 2008. 276f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. 2v.

SCHLIEBEN-LANGE, B. *História do falar e história da linguística*. Tradução de Fernando Tarallo et al. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

SIMÕES, J. S. *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro*. 2007. 376f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. 2v.

SOTO, E. U. M. S. *Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira*. Niterói: Ed. da UFF, 2007.

_____. *Varição/mudança do pronome de tratamento alocutivo: uma análise enunciativa em cartas brasileiras*. 2001. 264f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Faculdade de Letras. Laboratório de história do Português Brasileiro. *Corpus compartilhado diacrônico: cartas pessoais brasileiras*. Disponível em: <<http://www.letas.ufrj.br/laborhistorico/>>. Acesso em: 15 de setembro de 2010.

WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. I.: Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W; MALKIEL, Y. (Ed.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p.95-195.

Recebido em fevereiro de 2011.

Aprovado em maio de 2011.